

Metrópolis

Luiza Leão Morais de Souza¹

O filme *Metrópolis*, dirigido por Fritz Lang em 1927, é uma das obras mais emblemáticas do cinema quando se trata de crítica social. A produção se passa em uma cidade futurista onde a elite vive no topo, cercada de luxo, enquanto os trabalhadores são confinados no subterrâneos, operando grandes máquinas que mantêm a cidade funcionando. Essa separação física entre as classes representa, de forma clara, a desigualdade estrutural que Karl Marx analisa em sua teoria sobre o capitalismo.

Marx afirma que a sociedade capitalista é dividida entre duas classes principais: a burguesia, que detém os meios de produção, e o proletariado, que possui apenas sua força de trabalho para vender. Em *Metrópolis*, essa divisão é extrema: os operários não apenas vivem isolados, mas também são tratados como peças substituíveis, sem voz ou direitos.

Um conceito importante na obra de Marx, o da alienação, aparece com força no filme. Os trabalhadores são mostrados como robôs humanos, presos a movimentos repetitivos e sem qualquer controle sobre o que produzem. Eles são alienados do resultado de seu trabalho, do processo de produção e até de si mesmos. Essa alienação tira dos indivíduos sua humanidade, transformando-os em meros instrumentos de produção.

Freder, o filho do governante da cidade, se choca ao descobrir as condições desumanas dos operários. Ao entrar em contato com essa realidade, ele tenta promover um elo entre os dois mundos. Contudo, do ponto de vista marxista, essa tentativa de conciliação é limitada, pois não parte de uma organização da classe trabalhadora, mas sim de alguém da elite que tenta “humanizar” o sistema sem alterá-lo profundamente.

¹Aluna do 1º Técnico em Produção em Áudio e Vídeo 1º Semestre 2025. Trabalho apresentado para a disciplina Fundamentos do Trabalho, sob a orientação da professora Eliana Maria dos Santos.

Metrópolis critica não apenas a exploração do trabalho, mas também a mecanização da vida no capitalismo. A relação entre homem e máquina é desequilibrada, e os operários são consumidos por um sistema que exige produção incessante. A cidade futurista do filme nada mais é do que uma metáfora da sociedade capitalista industrial descrita por Marx, onde o progresso tecnológico não se traduz em bem-estar para todos, mas sim em maior dominação de uma classe sobre outra.

Assim, o filme nos convida a refletir sobre os perigos de uma sociedade que prioriza a produtividade e o lucro em detrimento da dignidade humana. Ele mostra, através de imagens impactantes, a urgência de transformar a estrutura social para que o trabalho não seja sinônimo de opressão, mas sim de liberdade e realização.